

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)
ISSN: 2177-2886

Artigo

As Trajetórias de Vida- Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol

*Las Trayectorias de Vida-Formación-Profesión de Ella,
Filomena, Maria y Sol*

*The Life-Training-Profession Trajectories of Ella,
Filomena, Maria and Sol*

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil
luyanne.azevedo@gmail.com

Ana Cláudia Ramos Sacramento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil
anaclaudia.sacramento@hotmail.com

Como citar este artigo:

AZEVEDO, Luyanne Catarina Lourenço,
SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. As Trajetórias
de Vida-Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria
e Sol. **Revista Latino Americana de Geografia e
Gênero**, v. 13, n. 1, p. 95-124, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Trajetórias de Vida-Formação-Profissão de Ela, Filomena, Maria e Sol

Las Trayectorias de Vida-Formación-Profesión de Ella, Filomena, Maria y Sol

The Life-Training-Profession Trajectories of Ella, Filomena, Maria and Sol

Resumo

Este artigo traz as reflexões, escrituras e trajetórias socioespaciais e acadêmicas de Ela, Filomena, Maria e Sol: quatro professoras negras atuantes do ensino de Geografia, de Departamentos de Geografia de universidades públicas brasileiras. Para escutar suas narrativas foram escolhidas as metodologias história de vida e interseccionalidade, e como instrumentos da pesquisa foram utilizados: questionário, entrevista semiestruturada e memorial autobiográfico acadêmico escrito pelas professoras. Os resultados mostram a importância de analisar as diferentes trajetórias socioespaciais das professoras, para compreender o que é ser mulher negra em uma universidade pública, dentro do curso de Geografia..

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Gênero. Interseccionalidade. História de Vida. Raça.

Resumen

Ese artículo reúne las reflexiones, escritos y trayectorias socioespaciales y académicas de Ella, Filomena, Maria y Sol: cuatro profesoras negras que actúan en la enseñanza de Geografía en el Departamento de Geografía de universidades públicas brasileñas. Para escuchar sus narrativas, se eligieron las metodologías de historia de vida e interseccionalidad, y como instrumentos de investigación se utilizaron: cuestionario, entrevista semi-estructurada y memorial autobiográfico académico, escrito por los docentes. Los resultados demuestran la importancia de analizar las diferentes trayectorias socioespaciales de las docentes, para comprender qué significa ser mujer negra en una universidad pública, dentro de la carrera de Geografía.

Palabras-Clave: Enseñanza de la Geografía. Género. Interseccionalidad. Historia de Vida. Raza.

Abstract

This article presents the reflections, writings and socio-spatial academic trajectories of Ella, Filomena, Maria, and Sol, who are four black professors teaching geography in Brazilian public universities. The life history and intersectionality methodologies guided the listening of their narratives. The research instruments used were the following: questionnaire, semi-structured interviews, and academic autobiographical memorials written by the professors. The results show the importance of analyzing the different socio-spatial trajectories of black professors to understand what it means to be a black woman in a public university within the Geography course.

Keywords: Geography Teaching. Gender. Intersectionality. Life Stories. Race.

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento



Introdução

Este artigo tem como objetivo trazer as reflexões, trajetórias e escrevivências (EVARISTO, 2017) socioespaciais e acadêmicas de Ella, Filomena, Maria e Sol, quatro professoras negras que lecionam na área do ensino de Geografia, em universidades públicas brasileiras.

Ser mulher negra no Brasil é um acúmulo de lutas, indignação e avanços, ao passo que é também um conflito constante entre negação e afirmação das origens étnico-raciais. Apresenta-se como outra forma de ocupar profissionalmente o espaço público, que anteriormente era permitido só aos homens e aos brancos, significando mais do que uma simples inserção profissional, e sim um rompimento de estereótipos criados sobre o negro brasileiro (GOMES, 1999).

Desta forma, algumas indagações surgiram ao longo do trabalho: como falar com as professoras, e não sobre elas? Como não obliterar suas vozes nem objetificar suas narrativas? (RATTS, 2003). Um dos caminhos foi pedir que as professoras escrevessem um memorial autobiográfico, com suas escrevivências, para compreender a centralidade de suas narrativas. A partir de seus memoriais autobiográficos, as professoras trazem reflexões sobre suas trajetórias socioespaciais, e sobre ser mulher negra e professora universitária.

Assim, para tentar compreender suas trajetórias, foram escolhidas as metodologias da história de vida e a interseccionalidade. Já o título é inspirado no que Jussara Portugal (2013) chama de percurso de Vida-formação-profissão, pois a reflexão sobre suas trajetórias possuem um enorme papel na formação e na prática docente, sobre a Geografia que se faz, aprende e ensina.

Assim, conheceremos algumas das trajetórias e escrevivências socioespaciais das professoras: seus sentires, memórias, experiências, saberes, suas escrevivências e narrativas.

Ella, Filomena, Maria e Sol: Mulheres Negras que Deram Vida à Pesquisa e o Percurso Metodológico

Ella é professora do departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Itapuranga, e atua na área da Geografia Humana, com ênfase em ensino de Geografia e diversidade, relacionando gênero, relações étnico-raciais, formação de professores e ensino de Geografia. A escolha de seu nome se deu em homenagem à cantora de Jazz Ella Fitzgerald: “Pode ser Ella, da Fitzgerald, que eu gosto muito da Ella [risos]” (ELLA, em entrevista, 2019).

Filomena leciona no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Atua na área de ensino de Geografia, com ênfase em educação Geográfica, formação de professores, currículo, didática de Geografia, ensino de Geografia, ensino da cidade de São Gonçalo. Escolheu homenagear sua avó: “Vou escolher o nome da minha avó, Filomena, porque ela foi uma mulher que na sua época transgrediu a sociedade por ficar com um homem negro” (FILOMENA, em entrevista, 2018).

Maria é professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional, e atua na área de ensino de

Geografia, educação ambiental, meio ambiente, representações e território. A professora também homenageou sua mãe ao escolher o seu nome fictício. A escolha também se deu por conta da música “Maria Maria”, de Milton Nascimento:

Sou apaixonada na música do Milton Nascimento que fala sobre Maria, né? Maria, Maria um dom, uma certa magia. E a letra em si tem uma história, eu gosto muito, minha mãe se chama Maria e lutou para criar cinco filhos sozinha após a morte do meu pai, então eu optei por esse nome Maria (MARIA, em entrevista, 2019).

Sol leciona no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Campus Viçosa. A professora atua na área de formação de professores, sala de aula, linguagens no ensino de Geografia, grafias e leituras negras, história da Geografia escolar, e livros escolares. A escolha de seu nome foi por causa da nossa estrela maior, o Sol: “Pode ser Sol. Não ligo para o brilho, mas o calor que me aquece. Não vivo sem Sol” (SOL, em entrevista, 2019).

Cada professora escolheu um nome fictício para participar deste trabalho. Ressaltamos que optamos por nomes fictícios também para tratar das pessoas citadas por elas durante suas entrevistas e memoriais, a fim de preservar suas identidades. Para escutar as reflexões e narrativas de Ella, Filomena, Maria e Sol, dialogamos com duas metodologias: a história de vida, por meio das análises de suas trajetórias socioespaciais e acadêmicas, e a interseccionalidade, a partir de gênero, raça, docência e das narrativas das professoras. Nas dimensões geográficas, a mulher não pode ser vista apenas como constituinte de um gênero, mas também de raça, religião e classe social (SOUZA, 2007).

As experiências das pessoas durante suas Vidas se dão por meio de seus corpos e corporeidades. A corporeidade pode ser compreendida como a forma que corpos são lidos no espaço, como uma grafia corporal, ou corpo-grafia, pois as pessoas grafam, a partir suas vivências e deslocamentos pelo espaço, suas trajetórias socioespaciais. Ao refletir sobre os deslocamentos realizados pelas pessoas, é importante utilizar análises interseccionais. Os corpos podem ser lidos a partir de estereótipos e estigmas, impregnados por leituras sociais racistas, machistas, capacitistas, LGBTfóbicas...

[...] a corporeidade nos leva a pensar na localização (talvez pudéssemos chamar de lugaridade), a mobilidade, a destreza de cada um de nós, isto é, a capacidade de fazer coisas bem ou mal, muito ou pouco e as possibilidades daí decorrentes. E aí aparece em resumo, o meu corpo, o corpo do lugar, o corpo do mundo. Eu sou visto, no meio, pelo meu corpo. Quem sabe o preconceito não virá do exame da minha individualidade, nem da consideração da minha cidadania, mas da percepção da minha corporalidade (SANTOS, 1997, p.134-135).

As trajetórias socioespaciais são grafias espaciais, realizadas a partir da corporeidade, da forma como os corpos se inscrevem e traçam seus caminhos pelo mundo. As pessoas e seus corpos não poderiam estar escrevendo e inscrevendo, diariamente no espaço, suas múltiplas vivências e suas escrevivências espaciais? Conceição Evaristo (2017) denominou escrevivência

como a escrita que nasce da vivência, do cotidiano, das lembranças. Memórias e esquecimentos misturam-se com as narrativas de si. As narrativas, a partir das memórias, favorecem reflexões sobre experiências, trajetórias pessoais e profissionais, por meio das situações experimentadas e narradas (PORTUGAL, 2013).

O entrecruzamento de trajetória de Vida pessoal, percursos formativos e profissionais, deslocamentos e trajetórias socioespaciais tece as narrativas de si. Nesta perspectiva, é dos saberes construídos, das experiências vividas e compartilhadas durante a Vida e durante os processos formativos que se dá a formação da identidade pessoal e docente (PORTUGAL, 2013). Assim, as trajetórias socioespaciais se dão a partir das experiências, inscrições no espaço.

As narrativas possuem dimensões temporais que permitem que as narradoras façam projeções de si, de seus corpos – físicos, mentais, emocionais, espirituais. A palavra é como representação do passado para o presente, podendo construir interpretações de fatos narrados e de trajetórias inscritas no tempo-espaço. Movimentos corporais, de respiração, as mudanças na entonação de voz, pausas, sonoplastias e onomatopéias são elementos fundamentais para tentar captar a profundidade das emoções e reflexões que são realizadas no ato da fala, constituindo elementos importantes nas percepções durante a escuta de narrativas. O silêncio e os suspiros podem ser mais didáticos do que frases inteiras. O corpo fala, os gestos e a corporeidade também são discursos (AZEVEDO, 2019).

A interseccionalidade foi sistematizada por Kimberlé Crenshaw (1989), para pensar e denominar como as opressões de raça e gênero interagem em conjunto na Vida de mulheres negras, em suas experiências, na formação de seus caminhos e de suas Vidas, criando desigualdades estruturantes. Gênero e raça não devem ser observados como experiências separadas na análise de Vida destas mulheres, pois, para a autora, não há limite entre onde começa ou termina o racismo e o sexismo. A partir das interseccionalidades, pode-se pensar em multiplicidades, relacionando universos para além da intersecção de gênero e raça, refletindo a partir de diferentes epistemologias, Geografias e saberes. As construções identitárias pessoais e profissionais se fundem nos processos de formação e Vida docente.

A análise interseccional não é fechada em si mesma, é dinâmica e aberta às possibilidades. O espaço geográfico também é aberto, dinâmico e plural (MASSEY, 2008), e é também o *locus* da problemática que envolve os segmentos sociais e também as trajetórias das pessoas, de suas memórias sobre deslocamentos pelas cidades, das migrações, da vida no interior e na metrópole, dos locais de lazer e trabalho (SOUZA, 2007). Assim, Massey (2008) nos convida a imaginar o espaço como simultaneidade de histórias-até- agora, afirmando que sua produção não é espontânea, é um processo contínuo e dinâmico. As histórias e trajetórias estão simultaneamente espacializadas, cada uma em seu espaço-tempo.

Foram utilizados três procedimentos metodológicos para a coleta de dados, a fim de tentar compreender as trajetórias socioespaciais das professoras: questionário, com o objetivo tentar conhecer um pouco de seus universos; entrevista semiestruturada, com o objetivo de escutar suas histórias de vida, trajetórias e caminhos; memorial acadêmico e autobiográfico, escrito pelas

As Trajetórias de Vida-Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol

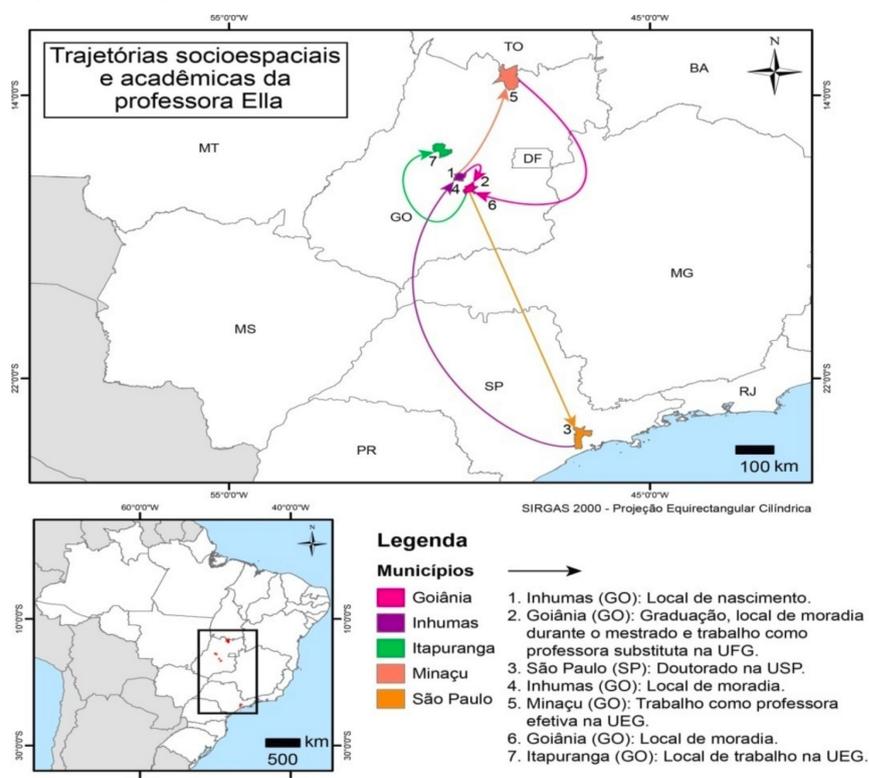
próprias professoras, a fim de trazer suas escrevivências – as escritas que nascem da vivência, do cotidiano, das lembranças, de si (EVARISTO, 2017). As memórias, esquecimentos e vivências se misturam a todo tempo com as narrativas. Assim, a partir de suas trajetórias socioespaciais e narrativas, podemos tentar compreender um pouco das relações raciais e de gênero nas universidades públicas brasileiras.

Trajetoórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Ella

A partir de suas escrevivências, memórias e narrativas, serão abordadas as trajetórias socioespaciais e acadêmicas da professora Ella, seus deslocamentos relacionados aos seus trabalhos e estudos. Desta forma, no mapa abaixo, é possível visualizar parte de suas trajetórias durante sua Vida acadêmica. A professora nasceu na cidade de Inhumas, município localizado no estado de Goiás (GO), correspondente ao número 1 na Figura 1. Ella cursou a graduação na UFG, entre 2001 e 2004, na cidade de Goiânia (GO), correspondendo ao ponto 2:

No ano de 2001, ingressei-me no curso de Geografia, no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, habilitação em licenciatura, localizado em Goiânia (GO). Durante o curso, procurei me empenhar nas leituras e participações em eventos e debates promovidos pela própria instituição, apesar de morar em Inhumas, município inserido na Região Metropolitana de Goiânia (RMG), localizado a aproximadamente 40 km de distância do Campus 2 da UFG (Samambaia) (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Figura 1 – Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Ella



Fonte: Elaborado por Nadhine da Silva, 2019.

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento

Como relatado pela professora, sua cidade natal se localiza a 40 km de distância do campus em que ela estudava em Goiânia, o que gerava longos deslocamentos diários para que Ella pudesse cursar a graduação. A identificação com o curso, bem como o comprometimento com o estudo, a carreira e as metas traçadas apareceram durante o seu memorial autobiográfico e a entrevista:

Na minha graduação, é como disse pra você, no ponto de vista acadêmico sempre busquei estudar bastante, gostava, realmente me identifiquei com o curso, não tive um momento pra dizer: “Nossa, não tem nada a ver com o que eu pensava da Geografia”. De fato me identifiquei muito com o curso desde o começo, e tive mais afinidade com disciplinas da Geografia humana porque era algo que me remetia ao que eu já gostava desde o ensino básico. E fui levando esse projeto de ter uma carreira acadêmica comprometida, responsável (ELLA, em entrevista, 2019).

A professora fez reflexões relacionadas ao racismo e ao silenciamento na escola, como possíveis motivos para sua timidez. Segundo Neusa Souza (1983), o processo de inferiorização das pessoas negras perdurou mesmo após a dessegregação da sociedade escravocrata, mesmo na substituição pela sociedade capitalista. Paradoxalmente, as pessoas negras eram enclausuradas na posição de libertas, cabendo o papel de disciplinadas, dóceis, submissas e úteis, enquanto aos brancos cabia o papel autoritário, paternalista e dominador.

Eu passei praticamente a graduação toda em silêncio, eu não [pausa] não participava das aulas, ficava sempre em silêncio, mas sempre a melhor aluna da sala, sempre estudando, tirando nota boa, mas quieta, na minha, parece que com medo das pessoas me verem, sabe? Então teve isso, essa repressão que eu coloquei para mim, esse casulo que criei, um mundo à parte. Mas que em certa medida não me impediu de continuar e ter bons desempenhos acadêmicos, isso de fato não me impediu. Mas do ponto de vista da socialização, do reconhecimento, da minha construção identitária, foi realmente problemático, e eu só vi isso depois. Só depois que comecei a entender de fato um pouco mais sobre como a escola lida com o racismo, ou como ela não lida. O silenciamento na escola é uma coisa terrível, que protela os embates, os conflitos que na verdade já existem (ELLA, em entrevista, 2019).

É no ambiente escolar que crianças e adolescentes, muitas vezes, entram em um primeiro contato com pessoas próximas a sua idade e, para algumas, é um dos primeiros passos de socialização fora da família. A escola é um local de convivência entre as mais diferentes pessoas, de diferentes realidades e com as mais variadas experiências de Vida, e é imprescindível que discussões sobre as relações étnico-raciais e de gênero sejam realizadas e, desta forma, o jeito quieto e tímido de alunas negras e alunos negros não pode ser naturalizado.

Nilma Gomes (2010) ressalta como o racismo pode ser reforçado no espaço



escolar. Destacamos a importância de uma educação antirracista, para que na escola seja possível combater práticas racistas. A professora comenta, então, o seu movimento do “despertar”, ao ingressar na militância durante o mestrado, a partir dos coletivos de negras e negros, na universidade:

Aí na universidade foi exatamente o contrário. Foi o momento de pensar assim: “Olha, tudo isso aí você já passou, já vivenciou, mas nunca te disseram na escola que é racismo, que há diferença sim entre negros e brancos, que há sim uma herança escravocrata que também é cultural, que isso está arraigado na mentalidade das pessoas, e que quando a gente está no interior isso é muito forte, mas não se faz uma reflexão, não se estuda sobre”. E a universidade me despertou para isso né, a partir dos coletivos, das coletividades e militâncias. A gente quando entra, quando começa a perceber isso, fica até assim, raivosa sabe? Você começa a querer justiça [risos] em todos os sentidos, “Nossa, eu perdi muito tempo, né passando por situações e não enxergava isso, agora vou correr atrás” (ELLA, em entrevista, 2019).

A UFG foi, também, o local em que Ella cursou o mestrado e que passou a residir durante esta etapa da Vida, momento que deixou sua cidade natal para poder cursar e vivenciar de forma integral a Vida acadêmica na pós-graduação:

Em 2004, ao finalizar a graduação, me candidatei ao processo seletivo do mestrado em Geografia no mesmo instituto, sob orientação do Prof. Dr. Alex Ratts, no qual obtive aprovação. [...] Paralelamente ao mestrado iniciei-me em um coletivo de estudantes negros denominado CANBENAS – Coletivo de Alunos/as Negros/as Beatriz Nascimento – que objetivava realizar discussões sobre construção da identidade negra, sobre a produção do conhecimento voltado à temática das relações raciais e de gênero no Brasil e no mundo, construir pautas de mobilização e reivindicação de cotas raciais na universidade, elaboração de objetivos para atuar na formação de estudantes sobre a diversidade étnico-racial nas escolas de periferia em Goiânia (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Mais uma vez, a professora traz a importância das autoorganizações visando ações coletivas, apontando também para a formação de sua própria identidade enquanto mulher negra, bem como a amizade com seu orientador, que abriu caminhos para que Ella pudesse conhecer, como ela mesma diz, “este universo negro”, das artes, literatura, textos acadêmicos, e da religiosidade de matriz africana:

Foi fundamental o fortalecimento de amizades com outras jovens negras para enfrentar os olhares de reprovação e as críticas sobre o meu cabelo crespo. Foi neste período também que a convivência com intelectuais negros/as, estudiosos da questão racial e ter dividido moradia com o professor Alex que conheci importantes artistas da

música negra (ouvindo a coleção de discos, CDs e DVDs do acervo pessoal dele), o cinema negro e o propósito de combate ao racismo na literatura, nos textos acadêmicos, na religiosidade de matriz africana (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Ressalta-se o papel da família e amigos – a rede de apoio – neste processo da Vida acadêmica, bem como para a construção de suas identidades. Nos discursos das professoras, essas coletividades se fizeram presentes, auxiliando e possibilitando que suas caminhadas e trajetórias acadêmicas pudessem se viabilizar.

Durante o mestrado, entre 2005 e 2007, obtive bolsa de estudos do CNPq, o que viabilizou minha permanência em Goiânia para a realização das atividades de ação junto ao coletivo e a elaboração e desenvolvimento de minha dissertação. Nesse período pude participar do Projeto de Pesquisa “Espacialidades e identidades raciais, étnicas, de gênero e sexuais”, cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq e coordenado pelo prof. Dr. Alex Ratts (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Ressalta-se aqui, a partir da escrevivência de Ella, a importância das bolsas de estudo para a promoção da ciência e desenvolvimento de estudos e trabalhos acadêmicos. A professora diz que sua permanência em Goiânia só foi possível por conta da bolsa. Milton Santos (1997) discute a importância de promover, além das cotas, subsídios para que as/os estudantes permaneçam na universidade.

Em meados de 2007 fiz um processo seletivo para professora substituta no IESA destinada a lecionar disciplinas voltadas para a Didática, práticas de ensino e estágio da licenciatura em Geografia e Geografia e Sociedade. Assim, durante dois anos, pude aprimorar minha prática docente... Algumas discussões já desenvolvidas no mestrado foram cruciais para a minha prática docente e permitiu-me fazer uma discussão do ensino de Geografia atrelada à discussão sobre a diversidade na escola, com ênfase em gênero e raça (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

A trajetória na UFG continua quando Ella faz o processo seletivo para professora substituta no IESA, para lecionar disciplinas do ensino de Geografia e didática, articulando assim as pesquisas realizadas em seu mestrado – focadas nas intersecções de gênero e raça – com sua prática docente e o ensino de Geografia.

Em 2008, um ano após a conclusão do mestrado surgiu, concomitante à minha atuação como docente temporária na UFG, um processo seletivo para educadores de um projeto extensionista promovido pelo Ser-tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG, que visava atender/capacitar professores e gestores das escolas

públicas de ensino básico da Região metropolitana de Goiânia, favorecendo a difusão de informações e conhecimentos científicos sobre perspectivas teóricas e políticas de combate a situações de discriminação, violência e exclusão social, relacionadas à orientação sexual e identidades de gênero e raça. Em 2009, já no final do contrato como professora no IESA, ministrei uma disciplina relacionada ao estudo do gênero e raça e o processo educativo no curso de Especialização promovido por este instituto intitulado “Educação e inclusão social”, o que me proporcionou uma nova experiência com o ensino na pós-graduação, reflexões e debates profícuos com alunos já na condição de professores das redes estadual e municipal de ensino. Em 2011, fui convidada novamente pelo professor Alex Ratts para atuar como parceira na Especialização “Educação integral e integrada” (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

As pesquisas e práticas de ensino de Ella se voltam, assim, para as relações étnico-raciais e de gênero, construindo e atuando dentro da universidade a partir destas temáticas.

Ao finalizar o período como professora substituta, no IESA, em 2009, tentei o processo seletivo para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana na Universidade de São Paulo (USP), com o intuito de dar continuidade a estudos em Geografia ligados à temática racial e de gênero. Com a aprovação, assim que me iniciei no programa, defini com o orientador, prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann, a investigação voltada para a compreensão das migrações de estudantes africanos para o Brasil. Senti-me um pouco frustrada por não ter tido o apoio do orientador para travar uma investigação com recorte de gênero, mas fiquei feliz por poder continuar o trabalho com a questão racial, contando com a sensibilidade e respeito de meu orientador que me deu liberdade para construir o novo projeto (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Já o terceiro ponto localizado na Figura 1 se refere ao doutorado na USP, cursado entre 2009 e 2014. Como relatado em seu memorial autobiográfico, a pesquisa se voltou para a compreensão das migrações de estudantes africanos para o Brasil. Assim, para continuar seus estudos, Ella muda não só de cidade, mas agora de estado. Há um longo deslocamento nesta jornada, visto que entre Goiânia e São Paulo há cerca de 900 km de distância. Outro ponto importante trazido pela professora foi a experiência de explorar uma cidade como São Paulo. Segundo a professora, foi algo marcante, diferente de todas as suas vivências até o momento:

Neste período, morei na cidade de São Paulo para me dedicar exclusivamente às disciplinas obrigatórias do programa e ao andamento do projeto aprovado. Indubitavelmente, o período em São Paulo, a frequência na USP, possibilitou-me ter contato com outros

pesquisadores/as da temática, a participação em eventos locais e nacionais, em grupos de estudos, visitas a centros de referência para o migrante na cidade de São Paulo e o processo de orientação também foram fundamentais para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora. [...] O período de moradia em São Paulo foi solitário, tive uma sensação de vazio por estar longe dos familiares e por não ter animo para enfrentar os ônus e bônus de estar ali... (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Ella conta o que chama de ônus e bônus de estar em outro estado, longe da família: o novo, o desconhecido, o vazio de estar longe da família e amigos, e, ao mesmo tempo, a oportunidade de conhecer uma nova cidade, ter novas experiências, como ressaltado pela professora. São diferentes escalas regionais e espaciais, que possibilitam diferentes vivências, e até mesmo estranhamentos.

Depois de um semestre, por não receber bolsa de estudos, Ella faz o percurso de volta para Goiás. Um ano depois foi contemplada com a bolsa CNPq e seus estudos foram viabilizados. Assim, Ella prossegue seus deslocamentos de Goiás para São Paulo, a fim de prosseguir no doutorado. Depois, a professora foi aprovada no processo seletivo para trabalhar na UEG, unidade Minaçu (GO).

A partir de então, passei a morar em Minaçu, Goiânia e Inhumas, minha cidade natal e também de moradia dos meus pais, reiniciando um ciclo de viagens entre casa e trabalho. Como professora temporária na UEG, pude experienciar a sala de aula numa realidade bem diferente da UFG, mesmo se tratando de um ensino superior. A UEG, enquanto uma universidade recente, tem muitas limitações e, em se tratando de uma unidade bem distante – 460 km – da sede situada na cidade de Anápolis (GO), tais problemas se tornam maiores. Foi o que percebi durante esse período, no entanto, foi uma ótima oportunidade para me construir como professora, para dialogar com as escolas locais e pensar em ações voltadas para o estágio supervisionado (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Desta forma, após passar no processo seletivo na UEG, Ella divide-se entre Inhumas – ponto 4 no mapa, Minaçu – ponto 5, e Goiânia – ponto 6, que posteriormente se tornou seu local de moradia, após a professora passar no concurso para docente efetiva da UEG. Um dos pontos-chaves nas itinerâncias de Ella são as migrações entre diferentes cidades e estados, em movimentos constantes para realizar seus estudos e trabalhos. Inhumas localiza-se a, aproximadamente, 40 km de Goiânia e, em média, 470 km de Minaçu. Já a distância de Goiânia para Minaçu é de em torno de 500 km. Assim, Ella realizava longos deslocamentos em sua rotina de estudos e trabalhos, dentro do mesmo estado.

Em meados de 2010, com o doutorado em andamento, tentei o concurso para docente efetivo na UEG para a Região Norte e

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento

consegui aprovação, permanecendo na Unidade de Minaçu. Com a aprovação, uma série de questões voltadas ao compromisso e responsabilidade com as disciplinas didático-pedagógicas e o Estágio se intensificou, visto que minha área de atuação no concurso é Didática, Práticas de Ensino e Estágio em Geografia... Logo, me mudei de Minaçu e fui morar em Goiânia, a fim de viabilizar minhas idas a São Paulo, o contato com grupos de estudos e pesquisas no IESA, a participação em eventos, dentre outras atividades importantes para minha formação e qualificação. Segui este percurso sem licença, chegando a ministrar cinco disciplinas de didáticas também ligadas à Geografia humana (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

Ella volta-se para as disciplinas do ensino, conciliando também o trabalho, o doutorado e a maternidade. No âmbito do trabalho, todas as gestantes possuem direito à licença maternidade, porém, na pós-graduação, o direito a licença só foi conquistada em 2017. Ella relata como conciliou o período da licença maternidade no trabalho, com a produção do fim de sua tese e com o nascimento de sua filha recém-nascida – desafio vivido, ainda hoje, por muitas mulheres que são mães e pesquisadoras. Esta é mais uma interseccionalidade que tangencia a Vida da professora: ser mulher negra, pesquisadora, mãe e trabalhadora. Já o ponto 7 de suas trajetórias no mapa corresponde, assim, ao seu atual local de trabalho na UEG, localizado na cidade de Itapuranga (GO) – em torno de 160 km de Goiânia, evidenciando mais um longo deslocamento realizado por Ella.

No entanto, em meados de 2013, entrei no período de licença-maternidade, afastando-me das atividades docentes e do doutorado, retornando, assim, somente em meados de 2014, pois, com o nascimento de minha filha, fiquei de licença-maternidade, período em que finalizei a escrita da tese de doutorado e defesa da mesma, ocorrida em julho de 2014. Após este período, foi um momento de retomada das aulas na graduação, com a transferência para o Campus da UEG na cidade de Itapuranga (GO), em que já iniciei-mecom as disciplinas de Didática e Prática Docente em Geografia II, Orientação em Estágio Supervisionado e Cidadania, Diversidade e Direitos Humanos, ministrada nos cursos de Letras e Geografia (ELLA, memorial autobiográfico, 2019).

A didática e a formação de professores, bem como as temáticas de gênero e das relações étnico-raciais se fazem extremamente presentes nas suas geografias – tanto nas práticas de ensino, quanto na sua corporeidade, algo que Ella frisou durante as falas em sua entrevista e em suas escritas.

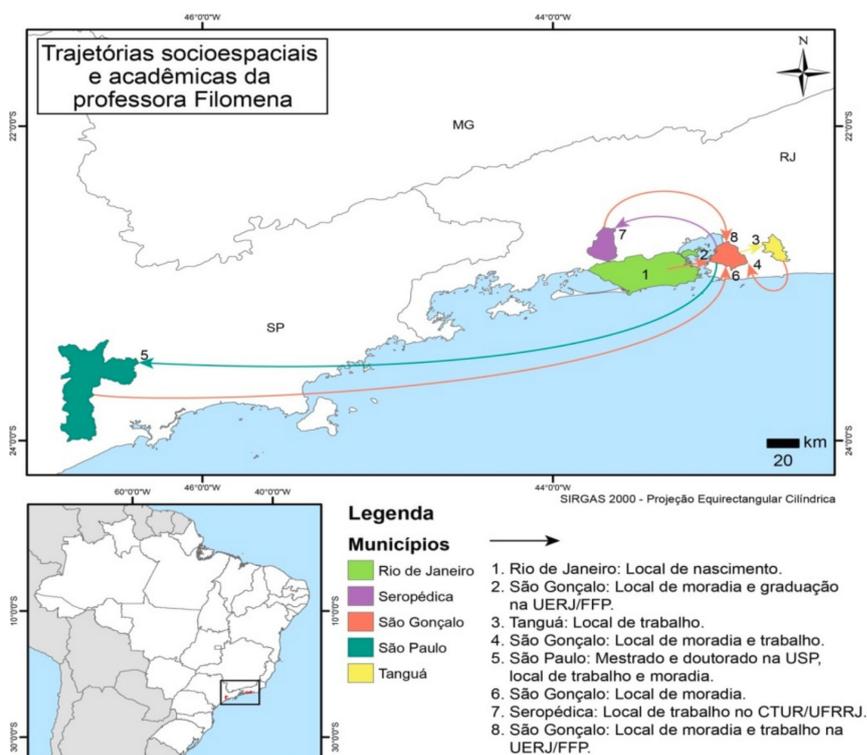
Assim, Ella finda seu memorial autobiográfico, trazendo reflexões a partir da sua corporeidade, de suas vivências na universidade enquanto mulher negra, rememorando a importância do coletivo e despontando para o caminho de sua pesquisa de pós-doutorado, voltada para o ensino de Geografia e para as discussões raciais, de gênero e sexualidade.

Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Filomena

O primeiro ponto das trajetórias socioespaciais de Filomena é o local de nascimento: Minha trajetória começou no bairro de Botafogo, onde nasci (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019). Sua família se mudou para o bairro de Bonsucesso, também localizado no Rio de Janeiro, indo posteriormente para a cidade de São Gonçalo, localizada a aproximadamente 30 km de sua cidade natal.

Em 1987, meu pai finalmente conseguiu comprar uma casa em São Gonçalo. Não tínhamos ideia de onde era. Imagine durante dois meses, de segunda a sexta, estar às 5h da manhã no ponto para ir à escola no bairro de Nova Cidade, porque ainda não havíamos nos mudado. Uma rotina muito cansativa, já que chegávamos em casa às 14h. Em seguida, nos mudamos para o Luiz Caçador. A ida de casa para escola era complicada, pois não era asfaltada e era uma área de brejos, então quando chovia, era um lamaçal sem fim. Muitas vezes, chegávamos na escola cheia de lama (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Figura 2 – Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Filomena



Fonte: Elaborado por Nadhine da Silva, 2019.

Filomena destaca pontos importantes até sua chegada à universidade, e a mudança de cidade é uma delas. Sua família muda do Rio de Janeiro para a cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro – sendo este o segundo ponto de suas trajetórias socioespaciais. Ela conta, em suas escrituras, os desafios e dificuldades de continuar estudando na escola, morando em outra cidade, e assim fazer longos percursos para chegar ao colégio.

Fiz o curso técnico administrativo pensando o mercado de trabalho, mas visando um dia fazer a faculdade. Terminei, em 1993, curso foi de grande relevância para mim, pois ao sair do EM, tive que trabalhar, pois meu pai dizia que sustentaria até aí. Em 1997, depois de uma vida mais estabilizada de trabalho, comecei a fazer um cursinho pré-vestibular pago. Mas não conclui, pois meus pais se separaram e tive que pagar mais contas em casa, para ajudar minha mãe (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Filomena conta que fez o curso técnico pensando no mercado de trabalho e, assim, começou a trabalhar – ajudando a pagar as contas de casa e posteriormente, um cursinho pré-vestibular, deslocando-se entre sua casa, em São Gonçalo, trabalho, no Rio de Janeiro e cursinho, em Niterói (RJ).

A importância das redes de apoio aparece em sua escrevivência, destacando o apoio de amigos e amigas. A descoberta das disciplinas, bem como o aprendizado com suas professoras e professores, foram essenciais não só neste contato inicial com a universidade, mas também ao longo de sua trajetória acadêmica.

Foi o primeiro ano de muitas descobertas. Ter aulas de História do Pensamento Geográfico no 1º período é sempre um desafio. Mas na verdade o que me encantou, foram as aulas da Pedagogia e descobrir que poderia ensinar de outras maneiras. O curso de Geografia ainda estava se consolidando, muitos professores (as) contratados (as). Muitos da escola básica, o que foi muito bom, por que nos ensinavam efetivamente sobre escola. Lembro das aulas do Professor Marcos César, ele nos fazia pensar atividades com conteúdos de sua disciplina para os anos de escolaridades. Vejo como me ajudou muito ser professora e carrego isso em minhas práticas na sala de aula (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

A partir da fala de Filomena, nota-se o papel fundamental das professoras e professores neste processo de Vida-formação-profissão. Ela ressalta a dificuldade de conciliar sua jornada de trabalho com os estudos, os deslocamentos para a faculdade e para o trabalho. Ser trabalhadora e universitária não é algo fácil, demandando outro tipo de rotina de estudos e uma dedicação e atenção extra durante as aulas, pois muitas vezes há o cansaço físico e mental depois de um dia inteiro de trabalho e deslocamentos:

Mas trabalhar e estudar não era fácil, por isso não conseguia ir aos trabalhos de campo de mais de um dia e fora do Rio; não conseguia participar de eventos acadêmicos – na verdade consegui participar de alguns que eram aos sábados. Tudo é parte do processo! Minha trajetória foi outra! No meio do curso fiquei desempregada e fazia bicos para viver e conseguir permanecer na faculdade. Foram 8 meses de muita luta e oração, porque pagar passagem era muito custoso. Quase desisti do curso, até quando consegui um emprego no Centro do Rio (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Filomena reflete sobre a rotina de estudante e trabalhadora, o que muitas vezes não a permitia que tivesse a vivência de trabalhos de campo e eventos acadêmicos. A professora destaca, ainda, que os trabalhos de campo também foram essenciais para sua formação, mesmo não podendo comparecer a todos por conta de suas jornadas de trabalho. Filomena relata que quase desistiu do curso ao ficar desempregada. É fundamental pensar aqui, a partir das falas de Filomena, a importância que as bolsas de pesquisa possuem para que alunas e alunos consigam prosseguir seus estudos na universidade. Assim, a professora conclui, em 2001, a graduação na FFP/UERJ.

Antes do mestrado, comecei a lecionar como contratada pelo SEEDUC no ensino médio no município de Tanguá. Imagine, em 2002, sair do trabalho às 17h no Centro do Rio para estar lá às 19h, três vezes na semana? Eu chegava em casa meia noite, para as 5h levantar-se e ir novamente para o Rio trabalhar. Em 2003 não tinha mais o contrato do estado e em 2004, começo a trabalhar no privado, Nas duas escolas, eu buscava fazer atividades e trabalhos diferentes: teatro, trabalho de campo, construção de vídeos, de material didático... Eu sempre tive na minha cabeça que a escola produzia conhecimento e que eu deveria ser uma professora pesquisadora (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

O terceiro ponto corresponde ao trabalho como professora contratada pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), no município de Tanguá, em 2002 – alternando com o emprego no Centro do Rio. Filomena possui jornada dupla de trabalhos – completamente diferentes – além de seus deslocamentos. São 34 km de São Gonçalo até o Centro da capital do RJ, e 68 km até Tanguá. Já na volta, de Tanguá até São Gonçalo, em média, 40 km. Ou seja, jornadas exaustivas de trabalho e de deslocamentos diários. Ao mesmo passo, Filomena, ao compreender-se enquanto professora pesquisadora, vislumbra a possibilidade de seguir sua formação por meio da pós-graduação:

Também tentei o mestrado na FE-USP em 2002 e 2003 sem sucesso. Em 2004, fiz concursos públicos para o estado e município em São Paulo e Rio de Janeiro. No final do ano fui chamada para o estado em São Paulo e também passei no mestrado. Muita alegria e tristeza, pois deixei minha família e fui morar num lugar que tinha meu primo, ele já tinha família. Sempre penso como Deus faz tudo ao seu tempo (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Em 2004, Filomena passa na seleção de mestrado e, em 2005, começa a estudar na USP, localizada em São Paulo – quarto ponto de sua trajetória. De forma concomitante, a professora passa em concurso como professora do estado de São Paulo, viabilizando sua estadia.

Em 2005, fui lecionar na Escola Estadual Manuela Vergueiro no bairro São João Clímaco, não tinha ideia que daria aula praticamente dentro da favela do Heliópolis. Fui morar na divisa de São João Clímaco com São Caetano, no condomínio com a vice-

diretora que tinha acabado de conhecer, Dona Maya, a qual, o Senhor Jesus colocou em minha, pois foi muito mais do que uma companheira de trabalhar e de casa, mas uma mãe. A ida para a USP foi de grande valia, fazer mestrado na melhor universidade do país e com a orientadora na área (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Mais uma vez, Filomena destaca a importância da rede de amigos e amigas, principalmente neste momento em que se encontra em outro estado. A distância de São Gonçalo até São Paulo é de aproximadamente 450 km. Há também as relações espaciais e de deslocamento dentro da própria cidade de São Paulo, do bairro em que a professora mora e leciona (São João Clímaco/Heliópolis) e a localização da USP, no bairro do Butantã. São aproximadamente 20 km de distância.

Durante o mestrado, recebi uma bolsa de mestrado da Secretaria de Educação, o que facilitou minha vida de trabalho podendo ficar em uma escola com 24h tempo, sendo 20h em sala de aula e 2h de reunião pedagógica. Como professora, eu buscava ser bem didática e dinâmica, ou seja, pensar as aulas de modo a trabalhar as representações socioespaciais dos estudantes com diferentes metodologias de ensino. Lecionava duas tardes e todas as noites para ir às aulas do mestrado. As (os) professoras (es) da escola eram ótimas (os) muito dedicados, apesar de uma clientela bem difícil (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

A professora conta a importância da bolsa que recebeu durante o mestrado, aliviando um pouco sua carga de trabalho, bem como as dificuldades dentro da escola e da sala de aula. Ela foi trabalhar em uma escola localizada na comunidade de Heliópolis, encontrando em suas andanças diversas histórias de Vida de estudantes, as dificuldades relatadas por algumas de suas alunas e alunos, bem como a questão do tráfico de drogas, muito forte na comunidade.

Um elemento que esteve na escrivência de Filomena, bem como em sua entrevista foi sua Fé Cristã, o que se mostrou essencial em sua toda a caminhada acadêmica, ressaltando aqui também a importância da igreja como relação espacial presente em sua Vida. Outra dimensão trazida pela professora é o lazer – a praia – que para os cariocas possui relação marcante, sendo inclusive um estereótipo do que é morar no Rio de Janeiro. Também as viagens e idas ao teatro, mostrando para além do acadêmico e profissional, desmistificando uma ideia que muitas alunas e alunos têm: a de que professores e professoras não possuem Vida social.

Em 2007, mudei de escola e fui lecionar no Seminário Nossa Senhora da Glória, no bairro do Ipiranga, também fui morar neste bairro. Lecionava manhã e noite. A escola era bem-conceituada. Minhas aulas de Geografia continuavam na linha da pedagogia histórico-crítico-cultural. Adorava meus e minhas estudantes do 7º ano. Sempre nas aulas na graduação falo dessa turma (tenho algumas no meu



Facebook). Lembro do trabalho de campo que fizemos para Bovespa. Na rua dizia, todo mundo segurando na mão de todo mundo. Rua muito movimentada, e todos falando como tinha coragem de levá-los para lá. Acho que justamente pela consciência da importância do estudo espacial, pois vinha dialogando com eles sobre isso (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

A interseccionalidade entre gênero, raça, classe e religião são nítidas nas escrituras de Filomena. A todo o momento, a professora traz sua Fé como guia.

As aulas na FE-USP eram intensas. Muitos bons professores (as) com discussões construtivas para pensar conceitos e metodologias de ensino. Depois de dois anos e meio de pesquisa, concluí o mestrado. Comecei o ano de 2008 com duas escolas e fiz a prova do doutorado em Geografia na FFLCH-USP e fui aprovada. Meu tema era discutir a questão da mediação da aula do professor – se ele tinha consciência do seu processo de produção de trabalho: a aula (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Desta forma, em 2007, Filomena conclui seu mestrado e, logo após o término, passa em outro concurso do Estado de São Paulo, obtendo outra matrícula. Em 2008, passa no doutorado da USP. A professora relata altas cargas de trabalho, conciliando com seus estudos.

Tinha uma carga horária de 40h dentro de sala de aula, 4h de horário pedagógico dentro da escola. Sai do Glória e fui para a Escola Estadual Alexandre de Gusmão. Lá eu ficava de manhã, e no Júlio, tarde e noite, com horário muito ruim. Quero registrar que corpo docente era excelente, muitos com curso de mestrado. O Alexandre era uma escola de referência, então muitos queriam trabalhar lá. Minhas aulas de Geografia no Alexandre eram ótimas. Também criava muitas coisas legais com eles. A maioria dos trabalhos eu publicava nos eventos de Geografia (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

A professora realiza longos deslocamentos dentro da cidade de São Paulo. Do Ipiranga, local que sua escola está localizada, até a USP, por exemplo, são mais de 17 km. Sem contar os deslocamentos de casa. Desta forma, a extensa carga-horária de trabalho, com os estudos, a pesquisa do doutorado e os deslocamentos diários pela cidade, levaram Filomena a ter crises de estresse:

Durante, o início do ano estava indo bem, contudo ao longo dos meses com muito trabalho, comecei a ter crises de pressão e toda semana parava no pronto de socorro. Até que um dia, às 7h da manhã de sexta, entrei em sala e 15 minutos depois, comecei a ficar com o corpo queimado. Meus estudantes apavorados começaram a gritar porque estava toda vermelha e a direção veio me acudir. Minha amiga Anita, outra pessoa que foi muito importante na minha vida em



São Paulo, me levou para o hospital dos servidores, mas como fiz exames, tinha que esperar, fomos também ao hospital universitário da Unifesp. Lá, depois de muitas conversas, o médico disse que eu estava com estresse. Quando consegui a bolsa CAPES e exonerei da matrícula. Isso já próximo ao final do ano. Por isso, também adquiri síndrome de transtorno de ansiedade, que acelerava meu pensamento e fazia com que eu tivesse problemas na escrita. Também comecei a engordar (durante o doutorado foram 30 kilos) e de vez em quando tinha síndrome do pânico. Assim, tive que fazer tratamento com uma excelente psicóloga que trabalhou comigo muitas coisas que eu nem esperava (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Além do estresse, Filomena desenvolveu síndrome de transtorno de ansiedade e síndrome do pânico. É preciso falar sobre a saúde mental das estudantes e dos estudantes de pós-graduação, debates que vem crescendo ao longo dos últimos anos. Segundo matéria de Murilo Roncolato (2018), e a partir de dados levantados por pesquisadores da Universidade do Texas, estudantes de pós-graduação possuem seis vezes mais chances de desenvolver depressão e ansiedade do que a população em geral. É preciso pensar que o ser humano não é apenas produção, é necessário cuidar do corpo, da mente e do espírito, da saúde mental, desmistificando qualquer tipo de tabu relacionado ao tema.

O ritmo acelerado da vida social no mundo capitalista esgota a Vida do espírito, reduzindo-a ao circuito curto da produção-consumo. A ansiedade e depressão crescem a níveis epidêmicos, justamente pela vivência no mundo atual se dar cada vez mais através da aceleração do tempo, desvalorizando questões psíquicas e trazendo um grande sentimento de vazio (KEHL, 2009).

Em 2010, voltei para o Rio e continuei a pesquisa lá. Já tinha feito minhas análises de aula em São Paulo e também queria analisar no Rio. Voltar para casa iria ajudar no meu tratamento. Neste período, trabalhei como tutora no curso de especialização à distância da USP para gestores e depois para professores de Geografia, pela prefeitura de São Paulo. E fui contratada pelo CTUR - Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Desta forma, a partir do momento que Filomena volta ao Rio de Janeiro, dão-se dois pontos de sua trajetória: o número 6, correspondente ao seu local de moradia em São Gonçalo, e o número 7, correspondente ao contrato como professora no CTUR – UFRRJ. Apesar de ambos os municípios fazerem parte do Grande Rio, como é chamada a região metropolitana do Rio de Janeiro, a distância entre sua casa e trabalho é de mais de 100 km.

Dei continuidade à pesquisa, buscando compreender a mediação didática de quatro professores de diferentes escolas e segmentos. Muitas aulas assistidas e analisadas para refletir sobre como ensinavam a disciplina. Enquanto as coisas aconteciam, estava eu

As Trajetórias de Vida-Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol

lecionando num lugar muito distante. Mas as turmas eram excelentes. Tudo que se propunha a fazer, eles desenvolviam. Fiz trabalhos de campo para vários lugares, pois o colégio tinha ônibus da universidade. Além disso, fizemos outros trabalhos que culminaram em construção de materiais didáticos, relatórios, construção de trabalhos de campo (alunos ganharam bolsas de IC por conta de uma das atividades), produção de vídeos didáticos, etc. O doutorado estava no fim e não queria voltar mais para São Paulo. Passei em um concurso público da SEEDUC, em 2012. Defendi a tese em agosto de 2012 (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

Conciliando trabalhos, estudos e todas as nuances que perpassam pelas relações familiares, Filomena defende sua tese de doutorado em 2012, terminando este ciclo de suas trajetórias socioespaciais e acadêmicas. A professora relata as dores e também as delícias deste período, e a felicidade única de ter família e amigos perto, em um momento tão importante da Vida, que vieram de diversas cidades para prestigiar sua conquista única!

Depois disso, fui chamada para o estado e resolvi declinar. Em seguida teve de concurso para a linha de ensino para o DGEO-FFP-UERJ em janeiro de 2013, fui aprovada e no dia 1.04.2013, comecei a lecionar onde me formei. Foi um momento ímpar para mim, pois hoje sou colega de trabalho de alguns dos meus ex-professores (as) (FILOMENA, memorial autobiográfico, 2019).

O último ponto das trajetórias socioespaciais de Filomena é justamente seu local de moradia e trabalho atualmente, como professora da FFP/UERJ: A cidade de São Gonçalo.

Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Maria

O primeiro ponto no mapa corresponde à Cristalândia – Tocantins (TO), cidade de nascimento de Maria – também local de moradia durante sua graduação na Universidade Estadual do Tocantins, entre 1992 e 1996, e a especialização realizada em 2000, na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Ambas as universidades estão localizadas em Porto Nacional (TO) e, respectivamente, fazem parte do segundo ponto no mapa. Em seu memorial autobiográfico, Maria relatou parte de sua trajetória escolar, de trabalho e acadêmica:

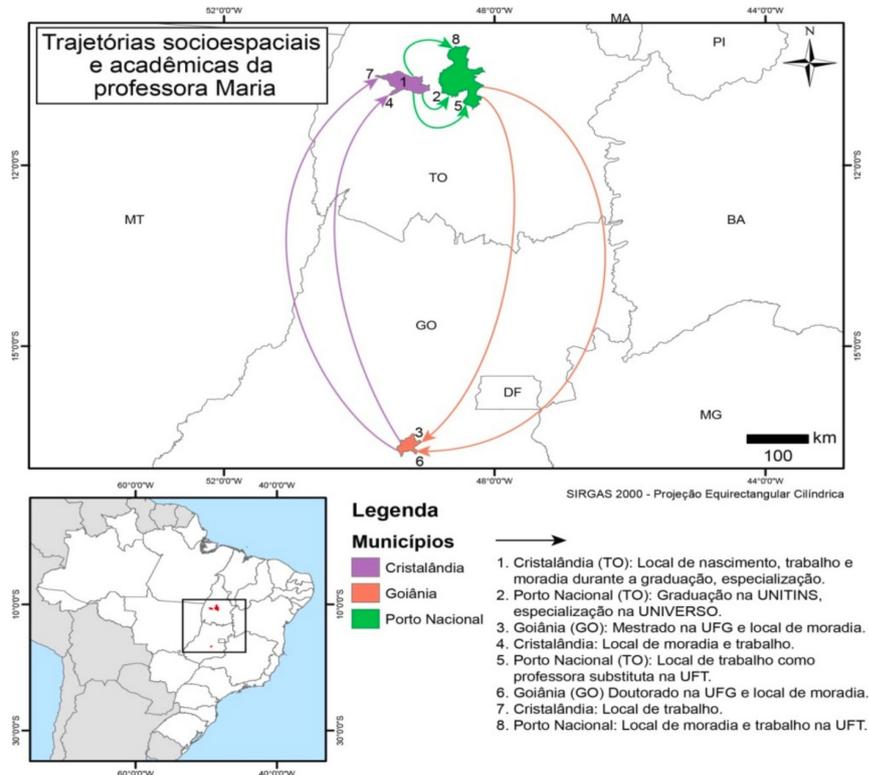
Atuo na educação formal há 27 anos. Destes, 20 anos foram na Educação Básica e 8 no ensino superior. Estudei sempre em escolas públicas da educação infantil ao ensino superior. Fiz a graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Tocantins, mestrado e doutorado no IESA/UFG. Após a graduação, fiz uma especialização lato sensu, depois fui estudar língua estrangeira. Daí fiz mestrado e depois doutorado. Meu último ano de estudo na universidade com doutorado foi em 2012, com minha defesa. O percurso para estudo sempre foi difícil, na graduação eu

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento

As Trajetórias de Vida-Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol

vinha da cidade em que morava para a faculdade umas duas horas de ônibus para vir e mais duas para voltar. Em Goiás, fui morar com amigos que me acolheram durante os 7 anos (MARIA, memorial autobiográfico, 2019).

Figura 3 – Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Maria



Fonte: Elaborado por Nadhine da Silva, 2019.

A professora fez, durante o ensino médio, os cursos de contabilidade e magistério – esta última sendo sua profissão desde os 17 anos de idade. Após se formar e já trabalhando, resolveu cursar Geografia, contando também as dificuldades dos percursos durante a graduação, mestrado e doutorado.

Eu comecei a trabalhar em 1991, com 17 anos, aí fui fazer licenciatura, em janeiro de 1992. Em junho já estava concursada como professora da educação básica, com 18 anos de idade. Então foi isso que me encaminhou para o magistério, toda essa trajetória minha. Já que eu saía de Cristalândia cinco horas da tarde, a gente vinha de ônibus, 15 para as 7 da noite eu chegava aqui na universidade, são 120 km e fiz esse percurso durante 5 anos. À noite, a gente saía às 22:30 e chegava em casa no horário que dava, quando o ônibus não quebrava e a gente ficava na estrada. Foram cinco anos nesse trajeto. O ônibus era cedido pela prefeitura da cidade, para que a gente pudesse vir, mas nós estudantes pagávamos a despesa com o petróleo. O motorista também era cedido pelo município. Então, isso foram mais de 15 anos que os prefeitos dessa cidade que eu residia fizeram isso. Eles cediam transporte e motorista e a gente pagava as despesas com o combustível (MARIA, em

entrevista, 2019).

De Cristalândia até Porto Nacional são 120 quilômetros de distância, o que, segundo Maria, dava duas horas para ir, duas horas para voltar. A professora deixa nítidas as dificuldades relacionadas ao deslocamento. Ressalta-se aqui o fato da professora trabalhar no dia seguinte.

Na minha época, no curso de Geografia, você saía com as duas habilitações, licenciatura e bacharelado, então a gente não tinha escolha. Eu fiz cinco anos do curso de graduação, saí bacharel e licenciada em Geografia. Aí eu terminei a graduação, fiquei um pouco parada, fiz uma especialização na área de metodologia e ensino de Geografia, mais ou menos dois anos, terminei essa especialização, comecei línguas. Foi quando despertei para fazer a seleção do mestrado, e aí o que eu faço? Já com o espanhol ok, faço a seleção para o mestrado na Federal de Goiás, na UFG. Fui fazer essa seleção, em Goiás, nunca tinha saído de casa para morar fora, com ninguém, cidade maior, fiz a seleção e em 2003 eu passo [risos]. Para o mestrado em Goiânia (MARIA, em entrevista, 2019).

Após a graduação, Maria conta que fez uma especialização em Formação Socio-econômica do Brasil, pela UNIVERSO, também localizada em Porto Nacional. Não constam no mapa, mas pontos fundamentais em sua formação foram os cursos de línguas espanhola e inglesa que Maria cursou, aparecendo em suas falas na entrevista e nas suas escrituras. Primeiro, foi o CCAA, cursando espanhol, na cidade de Paraíso do Tocantins, localizada a 78 km de Cristalândia. Após terminar todas as etapas do curso de espanhol, a professora começa então a cursar inglês, localizado na sua cidade. Na mesma época, Maria tenta a seleção de mestrado:

Mais uma vez, minhas amigas professoras que estudaram lá me ajudaram novamente, elas tinham parentes em Goiânia, e disseram: “Você vai morar com o irmão da gente, a gente não vai deixar você sozinha”. E aí uma delas fez espanhol comigo, e falou: “Vou fazer mestrado junto com você”. Então ela foi minha professora, eu formei, fui trabalhar junto com ela, e a gente volta para fazer a seleção do mestrado juntas – ela é mulher negra também. Eu passei e ela não passou, aí ela falou: “Não, agora você fica, você vai estudar, vai morar com nosso irmão”. E assim eu fiz, o estado concedeu uma licença e fui morar em Goiânia, fazendo o mestrado. Então fiz a seleção em espanhol e fiz o mestrado (MARIA, em entrevista, 2019).

Pode-se notar, em sua fala, o papel das amigadas como rede de apoio nesta trajetória. Suas professoras na escola, posteriormente, viraram suas amigas de profissão, auxiliando Maria em sua formação, desde o empréstimo de livros, até contactando as famílias, para que ela pudesse ter onde morar enquanto cursava o mestrado na UFG, localizada na cidade de Goiânia, correspondendo assim ao terceiro ponto no mapa. A distância de Cristalândia até Goiânia é de aproximadamente 770 km, mostrando um extenso deslocamento para que a



professora pudesse dar continuidade a sua formação.

E quando terminei o mestrado, quando eu estava para terminar o mestrado, abriu uma seleção na universidade para professor substituto, no campus que fiz graduação. Eu me candidatei. Fiquei dois anos como professora substituta na universidade, que já era federal nessa época, e continuava trabalhando em Cristalândia como professora da educação básica. Então, eu fazia dupla jornada, trabalhava em Cristalândia de segunda a quarta e de quarta à noite até sábado pela manhã, eu vinha para a universidade, em outra cidade, como substituta (MARIA, em entrevista, 2019).

Maria concluiu o mestrado em Geografia pela UFG em 2005, tendo enfoque de pesquisa na área de educação ambiental. Após a conclusão, voltou para sua cidade natal, correspondendo ao ponto 4 do mapa. Como relatado, a professora tentou a seleção de professora substituta na UFT (2006/2007), e, de forma concomitante, continuava seu trabalho como professora da educação básica do estado em Cristalândia. Maria se deslocava de Cristalândia (TO), local de moradia e trabalho, até a UFT, em Porto Nacional (TO) – correspondente ao ponto 5 no mapa.

Quando terminou o meu período de substituta, no final do ano, antes de terminar, falei: “Agora vou fazer o intensivo de inglês”, para a seleção para o doutorado. Eu fazia em Palmas, porque eu saía de Cristalândia e vinha pra Porto. Sábado de manhã eu ia pra Palmas, que é a capital, fazia o inglês a tarde. Quando terminava, às cinco horas eu pegava o ônibus e voltava para minha cidade, interior de Cristalândia. Eu ainda não tinha carro até então, era tudo de ônibus, então eu voltava pra Cristalândia, para no domingo ler, preparar aula, para tudo (MARIA, em entrevista, 2019).

Outro ponto que não aparece no mapa é o curso intensivo de inglês, na cidade de Palmas (TO), a 151 quilômetros de Cristalândia (TO). A professora conta que o inglês foi um importante ponto para sua seleção de doutorado, mostrando também mais uma distante itinerância de sua trajetória acadêmica.

Fiz a seleção para o doutorado, e aí passei no doutorado na UFG novamente. Comecei em 2008, quatro anos de doutorado, eu defendo em março de 2012. Fui pra UFG, morei novamente em Goiânia, consegui licença no estado. Mas, no período que eu não consegui a licença, durante o ano de 2008, cursei o doutorado em Goiânia e uma disciplina na UNB, em Brasília, e dava aula no estado. Eu trabalhava 40 horas no estado, fazia uma disciplina obrigatória na UFG e no primeiro semestre de 2008, fiz duas disciplinas obrigatórias na UFG. Deu certo porque elas eram próximas, então eu ficava dois dias, e o restante dos outros dias voltava para o Tocantins para trabalhar. Isso nos primeiros seis meses de 2008. No segundo semestre de 2008, eu não precisei mais fazer disciplinas na UFG, mas tinha que fazer uma disciplina na UNB como aluna especial. Então eu passei, em 2008,

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento



seis meses – de agosto a dezembro – indo uma vez por semana pra Brasília, fazia uma disciplina obrigatória, ia de ônibus, ficava dois dias lá, e nos outros dias trabalhava como professora do estado. Isso foi no ano todinho (MARIA, em entrevista, 2019).

O sexto ponto localizado no mapa das trajetórias socioespaciais de Maria se refere ao doutorado, cursado entre 2008 e 2012, na UFG, em Goiânia. A professora cursou ainda uma disciplina na Universidade de Brasília (UNB), deslocando-se entre Goiânia (GO), Brasília (DF) e Cristalândia (TO), enquanto não conseguia a licença no trabalho:

Em 2009, consegui a minha licença no estado e então fui fazer o doutorado, agora livre, com tempo, né? E fiz. Mas, no meio do caminho, passei na seleção para professora efetiva na universidade federal [risos]. Que é justamente aqui em Porto Nacional novamente. Então em julho de 2010 eu volto e viro efetiva na universidade. Aí o que eu tinha: o emprego no estado, que era concurso, 40 horas - mas não era dedicação exclusiva, então eu podia ter o outro emprego. Não podia sair dele ainda, e eu não consegui mais ficar de licença, tive que voltar a dar aula no estado. Dava aula na UFT e tinha o doutorado pra terminar. O que eu faço? De julho de 2010 a março de 2012, trabalhei no estado, trabalhei na UFT e terminei meu doutorado. Então, quando termino meu doutorado em março de 2012, eu respiro, porque eu estava um pinguinho de gente. E quando terminei, em 2012, pedi no estado a minha remoção para Porto Nacional porque eu não consegui mais, eu não tinha mais condições físicas e nem psicológicas (MARIA, em entrevista, 2019).

Em 2010, Maria volta para as salas de aula como professora efetiva de Geografia da UFT, no campus de Porto Nacional (TO), ponto 8 no mapa. No mesmo ano, acaba sua licença no estado, então a professora fica entre Cristalândia (TO), como professora na educação básica, Porto Nacional (TO), como professora na UFT e seu doutorado é na UFG. Posteriormente, em 2012, Maria consegue a transferência de matrícula no estado, indo de Cristalândia para Porto Nacional, fixando sua moradia neste município.

Em 2013, eu faço processo de seleção para a coordenadora da graduação e então peço a minha demissão do estado como professora efetiva, depois de 21 anos trabalhando na educação básica, peço demissão, fico só na universidade e peço dedicação exclusiva. E em julho de 2013 consigo minha dedicação exclusiva na universidade federal, e então fico efetivamente trabalhando só na universidade, como professora (MARIA, em entrevista, 2019).

Em 2013, Maria pede exoneração do estado e, assim, trabalha exclusivamente na universidade, realizando jornadas e trabalhos de Ensino, Pesquisa e Extensão – fundamentais dentro do meio acadêmico.

Com a realização do mestrado (2006) e doutorado (2012) em

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento



As Trajetórias de Vida-Formação-Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol

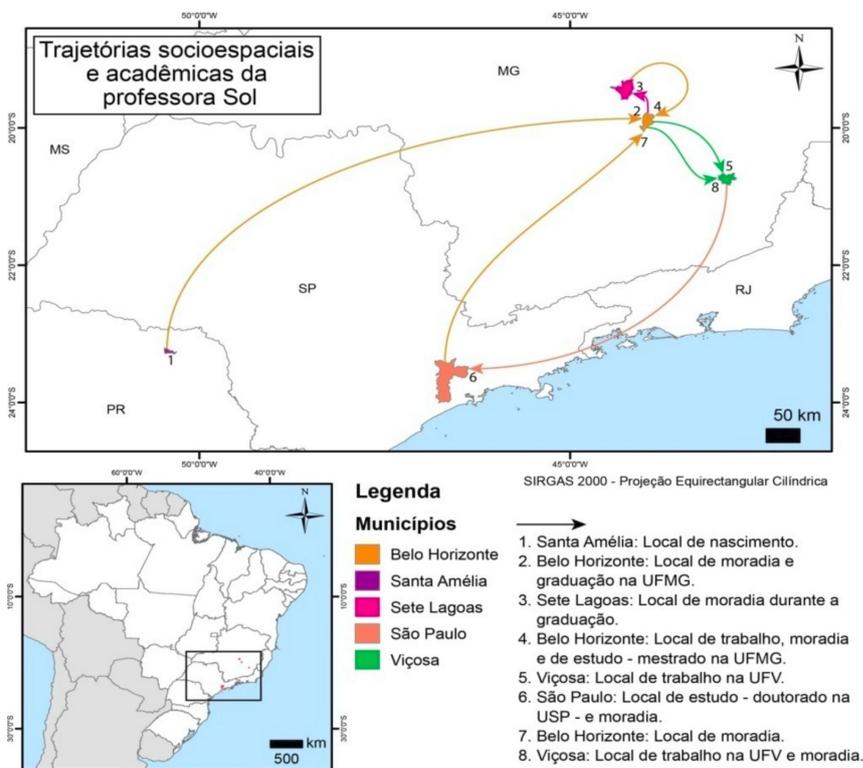
Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais IESA/UFG, desenvolvemos pesquisas que abordavam a educação ambiental e a educação básica. Atualmente (2019), como professora adjunta na Universidade Federal do Tocantins no curso de Geografia (há 8 anos), e no Programa de Pós-graduação em Geografia (mestrado) campus de Porto Nacional, meu envolvimento com a educação se amplia no contexto de Ensino, Pesquisa e Extensão (MARIA, memorial autobiográfico, 2019).

As trajetórias socioespaciais de Maria mostram suas duplas, triplas, quádruplas jornadas, como mulher negra trabalhadora e estudante – além de todas as outras dimensões que envolvem a Vida social. Há um discurso, que se crê aqui, perpetuado desde o período da escravização de pessoas negras, de que mulheres negras são fortes e resistentes. Ela ressalta, no fim dessas tantas jornadas, que “estava um pinguinho de gente”, fazendo-nos refletir: A mulher negra precisa ser forte e guerreira? Porque essa construção se perpetua até hoje?

Trajetoórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Sol

O primeiro ponto no mapa das trajetórias socioespaciais de Sol é o local de nascimento, o município de Santa Amélia: “Eu nasci no Paraná e depois meus pais se mudaram pra Minas. Mas meus pais são migrantes, eles são mineiros. Eles são da zona da mata, então, para mim, a Zona da Mata é muito importante porque é a raiz da minha família, sabe?” (SOL, em entrevista, 2019).

Figura 4 – Trajetórias Socioespaciais e Acadêmicas da Professora Sol



Fonte: Elaborado por Nadhine da Silva, 2019.

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento



Desta forma, o segundo ponto de sua trajetória corresponde à cidade de Belo Horizonte: “Porque eu nasci lá [em Santa Amélia] e com nove anos eu fui pra BH, então eu não tinha acesso. E outra coisa, menina, eu só ficava dentro do meu bairro” (SOL, em entrevista, 2019). Aparece, mais uma vez, o discurso do núcleo familiar em relação à importância do estudo. Sol relata que sua irmã, Carolina, foi uma das incentivadoras para que ela prestasse o vestibular. As redes de apoio familiares foram fundamentais neste processo:

Um dia, minha irmã Carolina (número 4) chegou para mim e falou: “— você precisa voltar a estudar”. Então, fiz um vestibular no meio do ano para História, numa faculdade particular e fui reprovada (também não saberia como iria pagar, caso passasse). No final do ano, fui incentivada por ela para fazer prova na UFMG, então escolhi Geografia, muito mais porque tinha várias dúvidas que não foram esclarecidas pelos professores que tive. Qual foi minha surpresa, quando vi meu nome no final da lista de aprovados, foi uma alegria só, a possibilidade de estudar numa universidade federal seria demais (SOL, memorial autobiográfico, 2019).

A professora relatou várias vezes a felicidade de ter passado no vestibular e poder cursar uma universidade federal. Durante a entrevista, Sol contou como foi passar no vestibular, chamando atenção também para o papel de uma colega nesta trajetória, que após o trabalho diário, estudavam juntas para os exames:

Um dia minha irmã... Eu tinha feito vestibular para História no meio do ano, e não passei - falei “não vou fazer nada não”. Só que no final, ela chegou com um formulário e falou “aqui, você vai fazer”. Ai eu fiz o vestibular... Lembro que estudava com uma colega, seu namorado fazia um cursinho muito famoso de Belo Horizonte, uma rede grande. O que ela fazia? Pegava as apostilas dele, e a gente marcava durante a semana, nós duas trabalhávamos, chegávamos, íamos para casa dela, e ele emprestava para a gente no dia que não tinha aula. E é engraçado, né, quando a gente olha... Mas enfim, passei lá na rabeira, no final (SOL, em entrevista, 2019).

Mesmo com as jornadas de trabalho, Sol se dedicava ao estudo para passar no vestibular. Pegava livros de cursinhos emprestados e estudava em casa junto a essa colega. Assim, após essas rotinas de estudo, ao passar no vestibular, Sol dá início a sua graduação em Geografia na UFMG no ano 2000, em Belo Horizonte.

Durante a graduação, tive vários momentos marcantes, porém destacarei apenas alguns: o primeiro deles é o fato de que sempre que as pessoas se dirigiam a mim, perguntavam se eu era funcionária. Hoje, a UFMG está bem mais colorida, mas não era assim há trinta anos atrás. Um segundo fato foi a paixão crescente com o curso, à medida que o tempo passava, eu gostava de tudo, achava tudo fascinante. Houve um momento de embaralhamento total, com o

professor Cássio Hissa. Tudo o que eu imaginava sobre a Geografia, as certezas que eu tinha foram por terra, mas foi o fato mais importante que aconteceu antes da formatura, pois a partir dali precisava construir minha própria concepção do que era Geografia. Isso me guia até hoje, pois em todas as disciplinas que ministro, tenho sempre essa premissa, meus educandos precisam saber o que é Geografia e o que é a Geografia escolar (SOL, memorial autobiográfico, 2019).

A partir de suas escrituras, Sol rememora sua graduação. O racismo se faz presente, quando ela diz que “sempre que as pessoas se dirigiam a mim perguntavam se eu era funcionária”, sendo este mais um mecanismo do racismo, de enxergar mulheres negras como se sempre estivessem em cargos de subserviência. As reflexões sobre seu corpo e corporeidade, as indagações sobre seus antepassados foram rememorados a todo tempo, também durante a entrevista. Outro ponto destacado pela professora é seu guia enquanto professora, o fato de suas alunas e alunos precisarem saber o que é Geografia e Geografia Escolar.

No mapa das trajetórias socioespaciais, o ponto 3 corresponde à mudança de seus pais para Sete Lagoas (MG): “Nesse período meus pais mudaram pra outra cidade, saí de Belo Horizonte e fui pra Sete Lagoas, que é uma cidade próxima, depois fiquei morando com a minha irmã...” (SOL, em entrevista, 2019). A cidade de Sete Lagoas fica a, aproximadamente, 76 km de distância de Belo Horizonte, mostrando o deslocamento diário para a professora estudar. Depois de algum tempo, Sol volta para BH, e, ao concluir a graduação, passa a trabalhar na Prefeitura de Belo Horizonte, que corresponde ao ponto 4 do mapa:

Ao assumir um cargo de professora na Prefeitura de Belo Horizonte, em 1994 (trabalhei na Secretaria Estadual de Educação - E.E José Luís de Carvalho em 1993), conheci muitas pessoas e profissionais maravilhosos. Uma dessas pessoas foi Carolina de Jesus, com quem aprendi muito, da vida, da profissão e da negritude, gentileza, dedicação, doçura, compromisso e militância desmesurados. Carolina me passou várias leituras que me ajudaram a compreender meu lugar como mulher negra e mulher negra no Brasil (SOL, memorial autobiográfico, 2019).

Mais uma vez, pode-se ver nas escrituras, bem como nas falas das professoras, a importância das amigas para a construção enquanto Ser, bem como no apoio nas trajetórias acadêmicas:

Após muitos anos na Educação Básica, fui motivada por dois amigos muito queridos, Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis, a tentar o mestrado. Já haviam se passado dez anos desde a conclusão da graduação. Eu precisaria do aceite de um professor para me inscrever, assim tentei contato com o professor Cássio, que aceitou prontamente e me enviou a carta por email (tenho guardado até hoje).

Entrei no Programa de Pós-graduação de Geografia da UFMG, sob sua orientação, no mesmo ano, e iniciei aulas numa instituição de ensino superior privado. Em 2005, defendi minha dissertação 'O trabalho de campo no ensino de Geografia', onde procurava ressaltar o papel dos professores que realizavam essa atividade, apesar de todo o contexto adverso das escolas (SOL, memorial autobiográfico, 2019).

O incentivo para tentar o mestrado, segundo Sol, foi fundamental. A professora cursou mestrado em Geografia pela UFMG, entre 2003 e 2005. Em 2009, Sol entra no concurso como professora no departamento de Geografia da UFV, correspondendo ao ponto 5 no mapa. A cidade de Viçosa está localizada a 224 km de BH. Assim, Sol realizava um grande deslocamento de seu local de moradia até o trabalho. Em 2014, a professora começa o doutorado em educação pela USP, em São Paulo, ponto 6 de sua trajetória acadêmica:

É, eu tinha duas possibilidades de fazer pesquisa no doutorado: Uma, era trabalhar com a questão das relações étnico-raciais, a outra era pensar no ensino. Eu fui para o ensino, por quê? Porque titulação na universidade é muito importante. Eu falei, pensei: "Gente, eu trabalho com o ensino e não tenho legitimidade para falar sobre". Então, vou para a faculdade de educação, porque aí tenho com quem dialogar, vou saber do que estou falando (SOL, em entrevista, 2019).

Em conversa por meio do aplicativo *Whatsapp*, Sol relatou que durante o doutorado obteve licença na UFV e teve residência em São Paulo, porém, revezava-se entre SP e BH, para cuidar de sua filha. A distância entre as duas cidades é de aproximadamente 589 km, o que leva em consideração um grande deslocamento realizado. Em 2018, ao terminar o doutorado, Sol volta para Viçosa, estabelecendo também moradia na cidade, retomando seus trabalhos na UFV.

É importante pensar nos múltiplos deslocamentos das professoras em suas trajetórias socioespaciais. Um ponto em comum é que, para continuar suas formações acadêmicas, todas as professoras, em algum momento da Vida, mudaram de cidade e até mesmo de Estado. Os deslocamentos diários também são importantes de serem ressaltados, pois muitas vezes as professoras percorriam grandes distâncias entre trabalho, moradia e local de estudo, algo muitas vezes relatado como um grande desafio em suas trajetórias.

Estas distâncias mostram grandes esforços para que elas pudessem prosseguir com suas carreiras, trazendo mudanças profundas nos cotidianos destas mulheres. A importância das redes de apoio, onde é preciso que uma nova forma de organização – seja familiar ou das amigas – se realize, onde todas e todos colaboram para a permanência destas mulheres nas universidades, auxiliando em seus percursos diários nas mais diversas espacialidades. Suas práticas sociais e espaciais acabam por diferir de pessoas que hoje moram, por exemplo, próximas às grandes capitais, possuindo muitas vezes maior possibilidade de acesso a universidades públicas, podendo-se pensar até em um privilégio regional.



A Vida e as relações não são lineares, estão em constante movimento e modificação. As trajetórias hoje espacializadas nestes mapas, amanhã terão outras continuidades e caminhos. Algumas vezes, as professoras estão no mesmo tempo-espaço, caminhos que se cruzam e descruzam nestes movimentos. E isto é uma das coisas mais bonitas das Vidas, trajetórias e do espaço: a escala das possibilidades..

Caminhos...

As trajetórias não são lineares, são múltiplas e contínuas e, desta forma, enquanto este artigo estava sendo escrito, Ella, Filomena, Maria e Sol já Viveram novas trajetórias, histórias e experiências pelo espaço. Não tivemos o objetivo e a pretensão de analisar as falas destas mulheres que deram Vida a esta pesquisa, e sim, trazer a partir de suas falas na íntegra, seus sentires e viveres. São histórias que, cada uma em um canto do país, eram muito semelhantes – apesar de possuírem diferentes trajetórias, de virem de diferentes gerações, cidades, regiões, famílias, universidades, costumes. Suas corporeidades, narrativas e escrevivências mostraram e mostram diariamente, em sala de aula, a importância e os desafios para a sociedade para que mais Ellas, Filomenas, Marias e Sóis estejam ocupando estes espaços enquanto professoras doutoras universitárias.

Foi fundamental compreender e pensar que esta pesquisa é também de Ella, Filomena, Maria e Sol, é sobre suas trajetórias e não sobre elas próprias. E que, por mais que seja possível ser sensível as suas histórias de vida e narrativas, estas vivências pertencem a elas, somente. Respeitando a todo o momento estas trajetórias, compreendendo que não é sobre substituir suas vozes ou obter uma resposta única. Porque são Vidas, mulheres e trajetórias únicas. Encontram-se nos pontos em comum, divergem em outros.

As considerações aqui feitas não buscam finalizar as discussões e os debates, ainda mais pelo fato da pesquisa trazer em boa parte de sua dimensão histórias e caminhos de mulheres que escrevem suas histórias diariamente no espaço. O que elas têm em comum? O que as difere? São mulheres negras trabalhadoras, professoras, doutoras, que militam e acreditam em uma educação pública, gratuita e de qualidade – e que transformam essa educação diariamente, a partir de suas mentes, almas, corações e corporeidades. Que realizaram longos deslocamentos em suas trajetórias acadêmicas e de trabalho.

Diversas interseccionalidades e multiplicidades identitárias as atravessam: geração, religião, regionalidades, o fato de serem do campo ou da cidade, dentre muitas e muitas outras identidades – envolvendo particularidades e diferentes formas de ver o mundo. São mulheres múltiplas e diferentes, e é a partir do olhar da interseccionalidade que esta ideia de universalidade da mulher vai se quebrando e desconstruindo. Ao mesmo tempo, suas vivências confluem em certos pontos, cruzam-se, conectam-se e são parecidas. São, nas similaridades que atravessam suas particularidades, quatro mulheres negras conquistando espaços, buscando avanços, ainda sendo a exceção à regra em um país tão racista e desigual.

Apenas 682 mulheres negras possuem título de doutorado e ocupam cargo de professoras com dedicação exclusiva, de um total de 179.542 de professores

e professoras¹. As mulheres negras ainda não estão presentes de forma massiva neste espaço. Assim, a universidade pública brasileira ainda é, majoritariamente, um local branco. Não apenas a universidade, mas também o destaque na produção de pensamento científico. Ser mulher negra professora universitária é visto como exceção a uma regra geral, exemplo de ascensão social.

A partir da análise espacial e das discussões de gênero e raça, foi possível perceber a extrema importância destes debates para a o ensino e para a própria Geografia, de forma que sejam discutidas as construções sociais dos espaços, das diferenças, das desigualdades e contradições sociais. A presença das professoras em sala de aula e na universidade também se faz essencial. Esta pesquisa não termina aqui, pois o espaço está na escala das possibilidades, e as trajetórias e falas das professoras continuam grafando e se inscrevendo no tempo-espaço, estilizando as máscaras da sociedade racista e machista. Trajetórias tão diversas não se encerram em uma “conclusão” – nem as discussões sobre as espacialidades das relações de gênero e raça nas universidades públicas brasileiras.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Luyanne. **As Trajetórias Socioespaciais de Professoras Negras do Ensino de Geografia das Universidades Públicas Brasileiras**. 2019. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, iss.1, article 8, p. 139-167.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Raça e Gênero: Relações imersas na alteridade. **CadernosPagu**, Campinas, n.6-7, p. 67-82, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Professoras Negras: Trajetória escolar e identidade. **Caderno CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 5, p. 55-62, abr.1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política de Espacialidade**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

PORTUGAL, Jussara. **“Quem é da Roça é Formiga!”: Histórias de vida**,

1 Negros representam apenas 16% dos professores universitários, 20 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-16-20dos-professores-universitarios.ghtml>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

RATTS, Alex. Gênero, Raça e Espaço: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no **27º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Caxambu, MG, 2003, 18p. (mimeo)

RONCOLATO, Murilo. **A taxa de depressão entre estudantes da pós-graduação, segundo esta pesquisa.** Nexo Jornal, 02 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/02/A-taxa-de-depress%C3%A3o-entre-estudantes-da-p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o-segundo-esta-pesquisa>> Acesso em: 20 set. 2019.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. *In*: GERNER, Júlio (Org.). **O preconceito.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-144.

SOUZA, Lorena. **Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas.** 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de estudos sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro:** As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo: Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Visualização, escrita (primeira redação).

Ana Cláudia Ramos Sacramento: Metodologia, Análise Formal, Escrita – revisão e edição.

Recebido em 30 de agosto de 2021.

Aceito em 14 de maio de 2022.

Luyanne Catarina Lourenço Azevedo, Ana Cláudia Ramos Sacramento

